



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 9 DE NOVEMBRO DE 1995

Excelentíssima Senhora Ministra da Indústria, do Comércio e do Turismo, Dorothea Werneck; Senhor Ministro da Administração e Reforma do Estado, Luís Carlos Bresser Pereira; Senhor Presidente da Serasa, Elcio Aníbal de Lucca; Senhor Presidente da Fundação Prêmio Nacional de Qualidade, Roberto Mengels; Senhores Ministros de Estado; Senhores Parlamentares; Senhor Presidente da Confederação Nacional da Indústria; Senhoras; Senhores; Senhores Empresários; Senhores Trabalhadores,

Já está se tornando, para mim, uma quase rotina, nesta sala ou em outras salas deste Palácio, receber setores distintos, diferentes, da sociedade brasileira, que vêm trazer aqui a marca das transformações, dos avanços que estão realizando.

Isso é para mim muito gratificante, porque acredito que uma das funções principais de quem tem a responsabilidade de conduzir os negócios públicos do Brasil, mais do que os negócios públicos, de quem tem a responsabilidade, de alguma maneira, de encarnar as aspirações da Nação é de poder sentir, diretamente, a força que emana da sociedade brasileira, que é realmente extraordinária.

Nós, hoje, aqui, não só estamos no lançamento do Programa Brasileiro de *Design*, que já é, por si, uma coisa importante, à qual me referirei brevemente, mas estamos também marcando a reorganização do Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade.

Estamos dando um prêmio mais do que merecido à Serasa. Digo mais do que merecido porque foi um prêmio conquistado através de um esforço e reconhecido por aqueles que são capazes de avaliar, de forma objetiva, os avanços havidos. Portanto, Elcio de Lucca realmente tem as nossas congratulações, como os demais que aqui falaram e assim já se expressaram.

Acredito que nós podemos, hoje, comemorar alguma coisa que já vem de longe. Ninguém começa do zero, ou melhor, alguns já começaram, mas faz muito tempo. No caso do Brasil, esse movimento pela qualidade já vem de mais tempo, vem de longe, e devo registrar que houve um avanço significativo na produtividade da indústria brasileira.

De 1990 para 1994, segundo o IBGE, houve um aumento de 39%, e um pouquinho mais até, da produtividade. Vamos dizer que esses números são mais indicativos do que precisos, porque é mais difícil medir produtividade de uma maneira objetiva. Mas eles têm uma contrapartida, que também confere a essa numerologia o valor da verdade. É que nós abrimos a economia brasileira – talvez a abertura mais rápida que tenha havido no mundo ocidental das economias que eram, antes, fechadas.

E o que aconteceu? Quantas vezes agourentas diziam que isso iria ser o fim da indústria brasileira. Não aconteceu nada, a não ser um avanço. Estamos exportando mais e produzindo mais e melhor. E a exportação é significativa, porque, aí, a gente compete.

Neste ano, estamos batendo o recorde de exportação. Em todos os meses, os recordes estão sendo batidos. E aí alguns dizem: “Ah, mas o câmbio está defasado.” Não sei se está. Acho que não é muito correta a apreciação. Mas, se esteve em algum momento, não obstante a produtividade garantiu a possibilidade de nós, de alguma maneira, mantermos o câmbio numa perspectiva favorável à estabilização da moeda.

Então, essa estabilização nós estamos conseguindo. Também outro recorde, nos últimos doze meses, é a inflação, que ficou muito abaixo

do que nós imaginávamos. Pois bem, isso foi possível por vários fatores: pela ação extraordinária da equipe econômica, pelo apoio da sociedade, por causa da questão dos produtos agrícolas e também pelo fato de que foi possível aumentar a produtividade. Portanto, nós podemos abrir a economia, ter produtos de fora mais baratos, que para aqui vieram e não destruíram a nossa indústria, senão que a incentivaram a produzir melhor.

Portanto, nós estamos marchando diretamente sobre os trilhos de um movimento, que é um movimento correto, que é um movimento em que se sabe que, se não houver competição, não vai haver incentivo à melhoria. E a modernização implica uma incorporação crescente de fatores, que são fatores de qualidade.

O Ministro Bresser Pereira manifestou aqui o ponto de vista do Governo. Esse movimento nasceu nas empresas. A Ministra Dorothea, como já foi aqui reconhecido até por ela, participou desse momento, dessa renovação da vida brasileira como cidadã que não estava no Governo. Agora no Governo, está incentivando o movimento. Mas nós não queremos que ele seja só para as empresas. Tem que abranger, também, o serviço público. E isso é fundamental. Isso é fundamental porque, para que o próprio País possa seguir adiante, no caminho que está trilhado já, é preciso que haja um forte esforço do setor público na qualidade dos seus serviços e, também, na modernização do Brasil, no chamado custo Brasil.

Os senhores têm assistido à nossa luta constante nessa direção. Alguns parlamentares que aqui estão a têm acompanhando, muitas vezes não tão facilmente quanto eu gostaria. Eu respeito as decisões soberanas do Congresso. Mas nós temos motivado todos os dias, batalhado mesmo, para que possamos modernizar o Brasil. E custa crer que medidas da reforma administrativa, que são óbvias, sejam objeto de delonga. Custa crer que medidas tão necessárias, na área da Previdência, por exemplo, sejam objeto de demagogia. Eu não aceito mais isso. O Congresso também não aceitará isso. Ele é feito da mesma massa que nós.

Ele é nosso representante. Nós votamos no Congresso, portanto vamos ter confiança em que haverá, também lá, um avanço nessa direção,

porque, senão, se houver um desequilíbrio entre o que se faz no setor privado e o que se faz no setor público, o setor privado ficará paralisado, num dado momento, pelo custo dos transportes, pelo custo dos portos, pela incapacidade de oferecer infra-estrutura adequada, serviços adequados de energia elétrica no momento oportuno e de dispor de um serviço público capaz de fazer aquilo de que o povo precisa, que é avançar junto com o setor privado.

Estou confiante em que, com esse esforço do Congresso, com a permanente vigília da sociedade, com o nosso empenho, essas questões todas irão sendo, pouco a pouco, transformadas em realidades. E nós estamos nesse mesmo embalo que fez nascer esse movimento pela qualidade, nesse mesmo embalo do Prêmio Nacional de Qualidade, justamente recebido hoje. Temos certeza de que também as mudanças no setor público vão se efetuar e que o Congresso, juntamente com o Executivo, estará atento para fazer as transformações que são, eu não digo nem que sejam complementares, essenciais para que possamos, realmente, ter a capacidade de oferecer mais e melhor ao nosso povo.

Mas eu queria fazer uma referência muito especial não só ao Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade, mas a esse fato que acho realmente memorável. Nós já estamos atingindo o total de mil empresas com ISO 9000. Eu me referi inúmeras vezes a isso, mas eu contava 500 e já estava muito feliz, até que a Ministra me corrigiu. São cerca de mil, o que me deixa mais feliz ainda. Não sei se tenho tanta confiança em dizer que vamos ser melhores do que os japoneses, mas, quem sabe, um dia...

De qualquer maneira, além de todo esse impulso a que nós estamos assistindo e que se vê por todos os lados, nessa matéria de qualidade, as transformações estão ocorrendo. O Programa Brasileiro de *Design* é muito significativo. Por quê? Recentemente, abri – na semana passada – o Encontro Nacional de Cultura, aqui, em Brasília, e eu dizia aos produtores de cultura o seguinte: hoje, no mundo contemporâneo, a marca desse mundo contemporâneo é a criatividade, é a criatividade contínua, é não aceitar algo já realizado como o melhor. É avançar mais. E isso depende de alguma coisa, que é organização, que é formação, que é treinamento, mas depende de um certo espírito de aventura e da capa-

cidade de imaginar coisas que não existem ainda. Nesse ponto, tanto faz ser um físico-químico, como o Ministro Vargas, ou um pobre sociólogo, como eu, ou um pintor, ou quem seja. É a mesma coisa. Se as pessoas não têm a capacidade de, num dado momento, eletrizado, produzir algo que não havia antes e de criar algo novo, não avançam.

Isso requer liberdade. Os países que não foram capazes de entender esse casamento entre liberdade e criatividade tiveram suas economias estioladas. Isso requer organização, mas também requer liberdade e requer – como eu disse aqui – esse espírito de aventura e risco. Requer, portanto, produção de cultura e inovação nesse sentido.

Então, eu apelava aos produtores de cultura, para que eles não se isolassem na sociedade, porque a sociedade precisa deles. Há um certo *continuum* nessa questão, nesse borbulhamento, que faz as sociedades avançarem. E o *design* é o casamento entre essa criatividade, a tecnologia, a produção de mercadorias e a possibilidade de nós competirmos e exportarmos. Porque aí se tem uma marca que mostra, justamente, que não basta a tecnologia, não basta a organização. Precisa ter mais do que isso. Precisa ter o espírito de inovação.

Sei que isso é verdade para a produção em geral. Quem ganha um prêmio desses inovou muito, criou. De certa maneira, é um intelectual no sentido moderno. Inventou. Mas, no caso do *design*, isso é patente, porque se materializa, aparece ali aquele produto novo e permite uma ação mais dinâmica sobre os mercados.

Então, é uma coincidência feliz que estejamos hoje, ao mesmo tempo, dando um prêmio de produtividade e reorganizando todo o Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade, incorporando o setor público nesse mesmo movimento e lançando o movimento pelo *design* brasileiro, pela marca Brasil. Vamos sair do custo Brasil para a marca Brasil. Vamos deixar o custo para trás. Vamos resolver a questão desse custo com muito empenho, para que a marca Brasil nos encha de satisfação e de orgulho.

É no caminho dessa marca Brasil, que, tenho certeza, é o sentimento também desse povo fantástico, que é o povo brasileiro, que nós estamos marcando essas etapas todas e estamos já nos aproximando de poder

dizer, não com orgulho, porque não será necessário, com tranqüilidade, com serenidade, mas com muita confiança: isso foi feito no Brasil, por isso é bom.

Muito obrigado.